

A LEITURA NO MUNDO DIGITAL¹

Regina Zilberman²

RESUMO

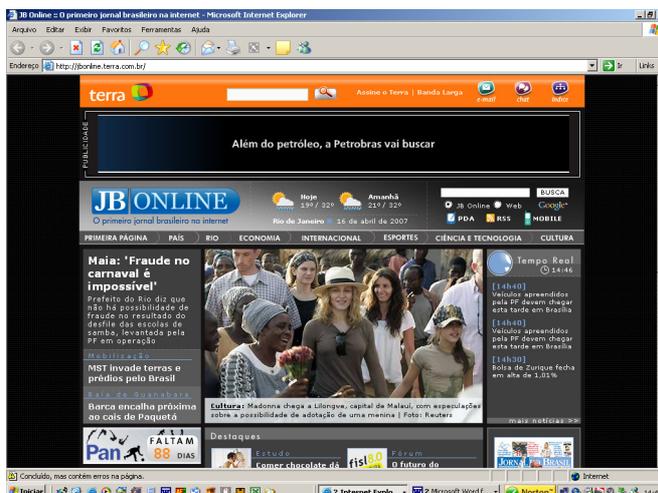
Este ensaio discute as relações entre escrita, leitura e oralidade e sua mesclagem no mundo digital, chamando a atenção para a coexistência de procedimentos aparentemente excludentes como ler o jornal na tela, como se o leitor estivesse lendo as folhas do jornal impresso, folheando-as. Além disso, faz a recuperação da história da escrita e suas mudanças através do tempo e comenta a expansão do seu uso no meio digital. Ao mesmo tempo, salienta a mudança produzida no registro escrito que passou a se caracterizar pela volatilidade, observando-se a não submissão da escrita digital às normas que buscam sofredá-la, regravando-a. Se, atualmente, a leitura sustenta a escrita tratando de convencionalizá-la, a oralidade se interpõe tornando mais complexa e instigante a comunicação humana que, no mundo digital, ganhou formas móveis e inconstantes.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Mundo Digital.

Quem visitasse o *site do Jornal de Brasil on line* em 16 de abril de 2007, encontraria a seguinte capa:

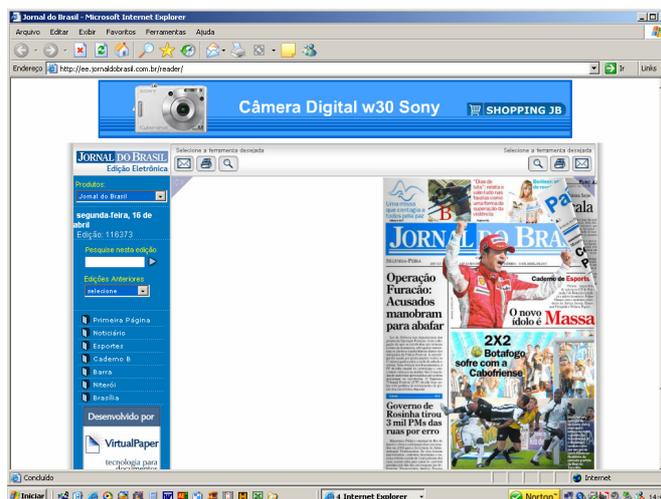


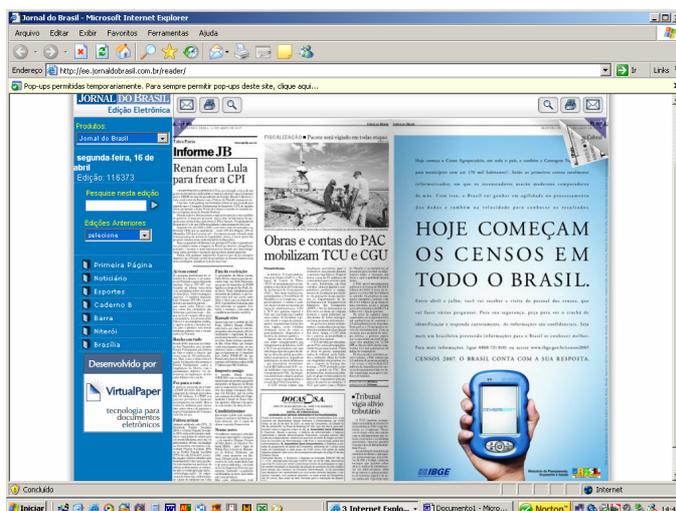
Poderia, contudo, ter encontrado essa imagem, que se alternava com a anterior:



Note-se que algumas informações mudaram em poucos segundos, que podem ser medidos, se se observar o “tempo real”, colocado no lado direito da página. Pode-se supor que, se permanecer mais tempo à frente da tela, no endereço www.jb.com.br, o leitor seja alimentado com fatos novos a cada instante.

Muitos jornais também procuram reproduzir, por meio de imagens, o processo manual da leitura de um jornal impresso. Assim, o leitor, depois de se deparar com a “capa” do jornal, pode folheá-lo: *clitando* num local indicado, o *mouse* faz o papel da mão, que vira a página, simulando o processo tradicional de leitura de um jornal impresso.





Cabe perguntar porque os dois procedimentos, à primeira vista excludentes, foram reunidos na proposta adotada pelo *Jornal do Brasil on line*, assim como ocorre com a *Gazeta Mercantil on line*, periódico, aliás, da mesma empresa. Para tanto, vale recuperar a história da escrita, meio escolhido para fixar a linguagem verbal e objeto da leitura.

O uso da escrita data do quarto milênio antes de Cristo, quando os sumérios começaram utilizar um sistema que os ajudasse a memorizar e contabilizar o movimento dos bens e acarretou a fixação e preservação dos textos, cuja utilização supunha um aprendizado. Assim, o aparecimento da escrita decorre de uma necessidade prática, mas seu uso é reservado a uma casta, e sua natureza, considerada sagrada. A sacralidade se transfere aos textos que dela resultam, razão porque são preservados e poupados, mostrando-se adequados a conservar um saber comum a ser transmitido às gerações vindouras. Mesmo quando não constituem veículo de transmissão da religião, como ocorre entre os hebreus – o povo da *Bíblia* –, os textos guardam um conteúdo que não pode dispersar-se, de que é testemunha, por exemplo, o código de Hamurábi, datado do século XVIII a. C. Mesmo antes da difusão da leitura entre as diferentes classes sociais, o que ocorre primeiro entre os gregos e, depois, entre os romanos, é a tradição escrita, e não a transmissão oral, que afiança a vários povos a permanência, ao longo do tempo, de sua cultura e de sua identidade.

Com o passar do tempo, a difusão da escrita acompanhou-se da multiplicação dos suportes que garantiam seu registro: com tabuletas de argila, madeira, pedra, pergaminho, papel, disco rígido, CD e *pendrive*, a escrita experimentou diferentes possibilidades de armazenamento, algu-

mas mais frágeis, outras supostamente mais resistentes, capazes de conservar seu conteúdo por séculos. Essas mutações são acompanhadas pela variedade de formatos que a escrita assumiu, pelos distintos instrumentos de fixação (o estilete, o lápis, o teclado, o *mouse*), pelas diferenças ortográficas, pelas discussões sobre seus padrões (culto ou popular, urbano ou rural) e sobre o modo mais correto de se expressar.

Pois a escrita muda através do tempo.

Da sua parte, no entanto, a leitura mostra-se constante. As concepções de que é objeto e a valorização que seu exercício recebe modificam-se por razões de ordem teórica ou ideológica. A Teoria da Literatura, por exemplo, difunde que a leitura da literatura de vanguarda é superior à de textos de entretenimento; estudiosos da Cultura de Massa julgam que as escolhas literárias, por parte da classe operária, carecem de qualidade. Por sua vez, as práticas de leitura estão em permanente transformação, variando com os grupos sociais, as faixas etárias, os gêneros. As mudanças por que passam os suportes da escrita determinam igualmente alterações nos modos de leitura do texto, que pode variar da leitura silenciosa à leitura em voz alta e, nesse caso, da leitura tartamudeante à leitura corrente e expressiva do bom leitor.

A leitura sempre depende do olhar de um leitor. Por essa razão, a leitura de textos transmitidos por meio digital guarda parentesco com o procedimento inaugurado há alguns milênios pelos sumérios. Ou seja: mesmo no seu formato inovador e instigante, *jornais on line* não escapam à confirmação da unidade própria à leitura, reiterando sua natureza, por mais distintas que sejam ou tenham sido práticas de ler. Pressupõe-se, pois, que a leitura não corre riscos, quando se transporta a escrita do papel para o meio digital.

O livro (e, em nome dele, toda a cadeia produtiva de que faz parte, e todos os caminhos e instituições por que passa), é claro, vê-se perante um concorrente que o intimida, porque disputa clientela similar: os que podem comprar livros são os mesmos que dispõem de recursos para adquirir e renovarem seus PCs. O livro, que já constituiu a materialização mais completa da modernidade, tendo aparecido à época em que se inauguravam as revoluções que marcariam o progresso econômico e cultural da Europa ocidental (revoluções das quais ele fez parte), alcança o começo do novo milênio sem a mesma qualificação. Desde que se expandiu o uso do computador pessoal, telas, teclados e *mouses* passaram a encarnar o novo, já que são fruto de tecnologia mais

sofisticada, que exclui a fabricação artesanal, ainda possível (e altamente valorizada em certos círculos) na produção de livros.

Contudo, não se trata de uma opção; livros e computadores não se excluem, nem o PC põe necessariamente em risco o universo do livro: se ele se apresenta, de um lado, como possível antagonista, mostra-se, de outro, seu parceiro. Da mesma forma com a leitura.

O acesso à realidade virtual depende do domínio da leitura e, assim, essa não sofre ameaça, nem concorrência. Ao contrário, sai fortalecida, por dispor de mais um espaço para sua difusão. Quanto mais se expandir o uso da escrita por intermédio do meio digital, tanto mais a leitura será chamada a contribuir para a consolidação do instrumento, a competência de seus usuários e o aumento de seu público.

Porém, a introdução desse novo suporte provoca determinados efeitos, já que se vale de códigos específicos e exige formas particulares de manipulação. Transplantada para a tela, a escrita oferece novas possibilidades de reproduzir a oralidade, infringindo normas cristalizadas dessa representação. O diálogo a seguir, construído a partir de mensagens enviadas por usuários do Orkut, exemplifica uma utilização do código linguístico, hoje inaceitável no meio impresso, porém corrente no meio digital :

- sera mesmo q soh dependi de mim??

naum sei naum toh achando q vc so quer me enrolar!

bjokas te cuida hj é a festa, né?

- iae o q vamo fazer da vida soh fika ou algo mais???? naum eh malicia e o negocio q a franciele me falou tah?

Bjokasssss vc sabe onde hsausuaahuahsas

- i ae mew..

tah add...

flw..

abrass

- ea ae.. tudo trunkilo..

- qualéquié neguinhu!!!

- oi td blz???

eai seu chatuh!!

aham pode dexar!!!!

se um dia um guri te xingar bata de frente de um xute no sacu dele!!!!

te amo

Empregam-se alguns procedimentos característicos nestes diálogos: a escrita aproxima-se da pronúncia da palavra, excluem-se tanto quanto possível acentos gráficos, abreviam-se os vocábulos mais utilizados, expressam-se reações de sonoridades, sinais gráficos e *emoticons*. Embora lidos silenciosamente trechos como o acima pareçam não fazer sentido, seus usuários escrevem-nos da maneira reproduzida exatamente para “ouvi-los”, o que os aproxima da oralidade, concretizando-se, no “internetês” resultante, talvez uma das metas almejadas pelos modernistas da Semana de Arte Moderna, na São Paulo de 1922.

O caráter irreverente das mensagens e de sua ortografia perturba profundamente pais e professores, perturbação que parece não levar em conta que a escrita, no meio digital, produziu seu próprio código, não transferível automaticamente para outros contextos e que seus usuários – como políglotas usuários de diferentes linguagens – sabem bem distinguir entre os diferentes gêneros de escrita, aplicando cada um deles em conformidade com as situações práticas.

Com isso, a correspondência eletrônica, que se vale da escrita, mescla o diálogo informal próprio da oralidade e geralmente ancorado na proximidade entre os falantes com um modo de comunicação mais característico da literatura, em especial da narrativa. Com efeito, neste gênero, um narrador pode tratar seu leitor, sem nunca tê-lo visto ou identificado, como alguém familiar e a quem revela sua intimidade. Além disso, como se incentiva a adoção de pseudônimos, a ficção fica liberada das amarras que a prendem à realidade, alcançando *status* emblemático no campo da criação em meio digital.

O destinatário de mensagens eletronicamente transmitidas não é um receptor passivo. Ao contrário do leitor gutenberguiano, o internauta pode captar várias mensagens concomitantemente, ao operar com janelas simultâneas, que escolhe voluntariamente. Por sua vez, as janelas mesclam elementos verbais e visuais, estimulando a capacidades de percepção e atenção do destinatário.

O novo suporte determina, assim, alterações no âmbito do registro escrito, que se dobra às circunstâncias de o emissor ter de utilizar as mãos de uma maneira até poucos anos inusitada, quando tecla palavras – processo esse ainda próximo da datilografia – e principalmente quando

aciona o *mouse*. Esse emissor, por sua vez, vive concomitantemente a condição de receptor, já que a tela devolve-lhe o escrito que se desenrola à sua frente. Ainda aqui, o procedimento assemelha-se àquele produzido pela máquina de escrever, que, desde seu aparecimento, suscitou novas formas de percepção, ao conferir imediata visibilidade ao texto que o redator produz. Contudo, a distância física entre o monitor e o olhar do emissor faculta a experiência simultânea do escrever e do ler em uma escala até recentemente desconhecida.

Outro dos grandes feitos da Internet foi sua transformação em uma biblioteca de grau e alcance até poucos anos inimagináveis. Graças aos editores de texto e aos *scanners*, obras clássicas da literatura universal estão à disposição do público leitor. *Sites* como a Biblioteca Digital de Literatura (<http://alecrim.inf.ufsc.br/bdnupill/>), da Universidade Federal de Santa Catarina, a Biblioteca Digital de Obras Raras e Especiais (<http://www.obrasraras.usp.br/>), da USP, Caminhos do Romance (www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br), da UNICAMP, todos no Brasil, ou da Biblioteca Nacional Digital (<http://bnd.bn.pt/>), em Portugal, disponibilizam a maioria da produção em língua portuguesa que caiu em domínio público. Ao lado disso, *sites* de busca como Google, Yahoo e outros fazem as vezes de enciclopédias variadas e de múltiplas especialidades. Em nenhum outro momento da história cultural da humanidade, obras e informações confiadas à escrita estiveram tão perto de seus consumidores e de modo tão barato, facultando a socialização do conhecimento.

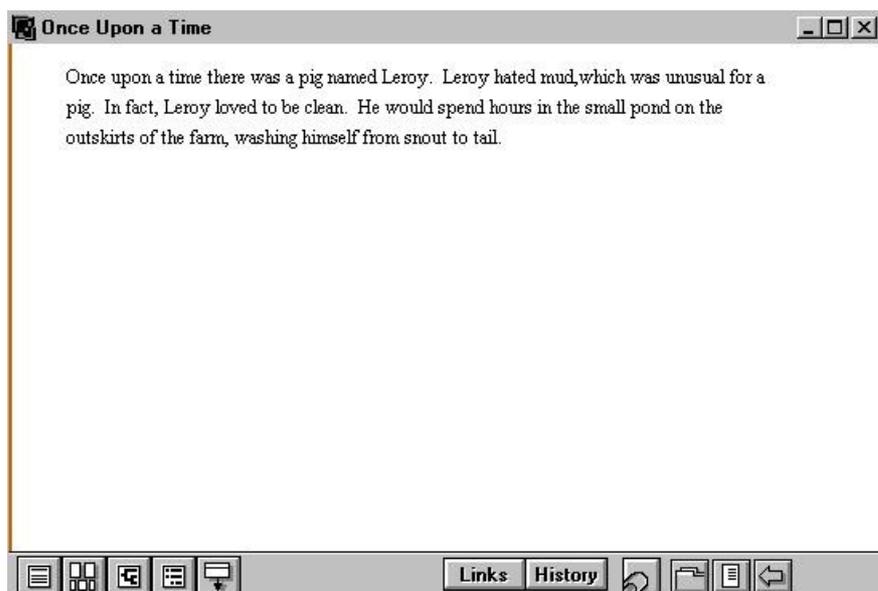
Por sua vez, gêneros tradicionais passam por transformações, quando migram do livro para a Internet, suscitando novas formas de expressão, dentre as quais a mais desafiadora é o hipertexto. Essa modalidade só pode ser gerada em meio digital, correspondendo a uma estrutura composta de blocos de texto unidos por *links* eletrônicos que oferecem, a seus usuários, diferentes trilhas de leitura. O hipertexto possibilita o arranjo não linear dos dados graças ao processo automático de conectar um pedaço de informação a outro.

Apresentada em 1986, *Afternoon: a story*, do norte-americano Michael Joyce, constitui uma das primeiras experiências de hipertexto literário. Empregando o software *Storyspace*, ele desenvolve-se a partir de lexias – em número de 950 *links* e 539 textos – que se unem a partir das opções do leitor. A figura a seguir ilustra a tela da lexia de abertura, que se apresenta sob a forma de uma ficha, requerendo que o leitor se desloque por meio do *mouse*. Dependendo do que o usuário escolhe diante da barra de ferramentas, a ação avança, recua, leva-o de volta à lexia anterior.³

Esses movimentos não apenas conferem liberdade à narração, como também tornam-na imprevisível e infinda, uma vez que se apresentam constantemente opções inesperadas.

Também diferentes gêneros podem aparecer no formato do hipertexto, desafiando as potencialidades de criação, como ocorre com o romance, que tem condições de narrar ao mesmo tempo várias histórias e conduzir a diferentes desenvolvimentos, assim como ocorre nos jogos de computador, cujo andamento depende das escolhas feitas pelo jogador. O hipertexto supõe um leitor ativo, que interage de modo autônomo com o desenrolar da intriga e a conformação das personagens, processo que, no meio impresso, é apenas facultativo. Fenômeno antecipado por novelas como *Rayela (O jogo da amarelinha)*, que Julio Cortazar publicou em 1963, o hipertexto leva a dimensão polifônica da linguagem literária ao que parece ser seu limite de realização.

LEXIA DE ABERTURA



O romance *Bolor*, de 1968, de autoria do ficcionista português Augusto Abelaira, antecipa a hipótese de o diário receber a contribuição de vários sujeitos, que acabam escondendo sua identidade sob a máscara da primeira pessoa. O blogue parece concretizar essa possibilidade, tanto quando seus participantes são indivíduos verdadeiros, como nas situações em que os membros são inventados.

Eis porque a escrita, ainda que aspire à imutabilidade e à permanência – de que é testemunho o antigo ditado *verba volant, scripta manent* –, caracteriza-se, quando produzida em uma tela de computador, pela volubilidade e permanente transformação, rebelando-se constantemente contra as normas que almejam engessá-la. Neste caso, a estabilidade coloca-se em sua contraparte e complemento, a leitura, que confere solidez ao sistema, facultando a aventura da improvisação da escrita que habitualmente vemos como vassala da oralidade. Mas a relação entre elas – oralidade e escrita & vice versa – sobretudo depois que o mundo digital se instalou, é bem mais complexa e sempre instigante.

READING IN THE DIGITAL WORLD

This essay discusses the relationship among reading, written and oral language, considering their mixture in the digital world. It calls our attention to the coexistent proceedings apparently exclusives such as reading in the screen as if the reader was reading the newspapers, turning the sheets. In addition it provides a historical review of written language and its changes in the course of human experience. On the other hand, the text comments about the expansion of written uses of language in the digital medium and, at the same time, tells us the results that all of those changes have produced in the written register that became characterized through its vulnerability; in fact it has been observed that there was no submission of digital writing to the norms which try to control it, domesticating its way of expression. If nowadays, reading sustains written language trying to conventionalize it, orality interposes itself between them making human communication more complex and instigating, in the digital world, which has reached inconstant and mutational forms.

Keywords: Reading. Writing. Digital World.

NOTAS

- ¹ Este texto, em versão preliminar, foi publicado em RETTENMAIER, Miguel; RÖSING, Tania M. K. (Org.). *Questões de leitura no hipertexto*. Passo Fundo: Ed. da Universidade de Passo Fundo, 2007. p. 178-199. “La lectura en el mundo digital”. In: RÖSING, Tania M. K.; RETTENMAIER, Miguel (Org.). *Lectura de los espacios*

& *espacios de la lectura*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo; Badajoz: Universidades Lectoras; Universidade de Extremadura, 2008. p. 256-268. ISBN: 978-85-7515-664-3.

² Professora do Instituto de Letras, da UFRGS.

³ Terence Harpold descreve o modo como o usuário opera a barra de ferramentas diante de cada lexia. Cf. HARPOLD, Terence. Conclusions. In: LANDOW, George P. (Ed.) *Hyper / text / theory*. Exemplos do processo aparecem em: <http://www.georgetown.edu/faculty/bassr/511/projects/ceruzzi/final/story1.htm>.

REFERÊNCIAS

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação da ciência literária*. São Paulo: Ática, 1994.

LEAVIS, Q. D. *The fiction and the reading public*. London: Pelican, 1979.

CHARTIER, Roger et alii. *Pratiques de la lecture* Paris et Marseille: Rivages, 1985.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

Recebido em 15/04/2009
Aprovado em 23/04/2009